

EQUINOS



Danos sérios aos cavalos com a AIE

PESQUISA MOSTRA QUE DESEMPENHO FÍSICO DOS ANIMAIS É FORTEMENTE PREJUDICADO

O desempenho físico de cavalos é fortemente prejudicado pela anemia infecciosa equina (AIE). A descoberta foi feita por estudo da doença imunodepressora que atinge os equídeos (cavalos, jumentos, burros e mulas), confirmando os efeitos negativos causados pela enfermidade em cavalos do Pantanal. Foram investigados animais usados no manejo de gado em fazendas da região. A iniciativa, liderada pela pesquisadora Márcia Furlan, da Embrapa Pantanal, em Corumbá, é desenvolvida desde 2013 e finaliza agora os primeiros resultados. “Essa doença é viral e não tem cura. Uma vez que o animal esteja contaminado, vai estar sempre contaminado”, diz a pesquisadora.

A pesquisa envolveu ainda o trabalho da pesquisadora Adalgiza Carneiro, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob a coordenação da pesquisadora Sandra Santos, também da Embrapa Pantanal. Segundo Adalgiza, a equipe comparou o desempenho físico de um grupo de cavalos sadios com o de um grupo infectado em duas fazendas pantaneiras. O objetivo era examinar se a doença prejudica a realização da principal atividade desses animais na região, que é o manejo do rebanho na bovinocultura de corte. Os testes foram aplicados em dois grupos homogêneos de cavalos da raça Pantaneira, com avaliações de intensidade progressiva – que simularam a rotina de trabalho dos animais na região.

ANIMAIS DOENTES TRABALHAM MENOS

Após um período de condicionamento, aplicações de testes

e análises, os pesquisadores constataram que os cavalos infectados têm um desempenho notavelmente inferior em relação aos sadios. “A frequência cardíaca dos cavalos negativos para o teste de anemia infecciosa equina fica baixa durante os testes. Quando os que possuem a doença entram no trote ou no galope, essa frequência vai lá em cima. Portanto, vemos que os animais infectados suportam menos trabalho”, diz a pesquisadora. Para Adalgiza, isso significa que os animais positivos para AIE são mais suscetíveis a falhas e ataques cardíacos durante trabalhos intensos e longos no campo – característicos da região pantaneira – podendo chegar, até mesmo, à morte.

Outra análise realizada pela equipe foi a avaliação de distância percorrida. Nesse teste, os animais andavam 1.500 metros em cada modalidade: passo, trote curto e alongado, galope curto e alongado. “Vimos que a distância percorrida pelos cavalos sadios foi maior que a percorrida pelos positivos, que não aguentavam nada. Logo, a frequência cardíaca deles chegou a quase 200 – o máximo que se consegue no trabalho de um cavalo. A dos negativos ficou baixa, mostrando que, realmente, os animais positivos trabalham menos e suportam menos alida no campo”, explica.

Para a pesquisadora, esses resultados desmentem a noção de que os animais contaminados trabalham com a mesma eficiência dos sadios: “Isso vem para convencer o produtor rural de que ele perde dinheiro se mantiver esses animais positivos na fazenda”.

COMO COMBATER

A anemia infecciosa equina



Estudo da tropa mostrou que animais contaminados com a AIE perdem em vigor se comparados aos equinos sãos

é causada por um vírus semelhante ao da AIDS, mas com uma diferença: sua principal via de transmissão não é a sexual. Entre os equídeos, o vírus se propaga pelo contato com o sangue contaminado. A AIE não infecta humanos, mas causa sérias complicações aos animais. “Essa doença apresenta três fases: a aguda, a crônica e a assintomática. Na fase aguda, o animal pode morrer. Na fase crônica, ele melhora e piora várias vezes, pois seu organismo está se acostumando com o vírus. Depois, na fase assintomática, ele não apresenta

sinais clínicos, mas continua sendo uma fonte de infecção”, afirma Márcia Furlan.

Sem uma vacina que reverta o quadro de contaminação, a melhor forma de impedir o avanço da doença é preveni-

MUITO
importantes para o controle da doença equina são os cuidados na hora do manejo com os animais, especialmente na aplicação de vacinas e medicamentos

la. “O mais importante é impedir que qualquer cavalo ou equídeo entre em contato com o sangue de outro equídeo – independentemente de saber se ele é positivo ou negativo”, diz Márcia. Para isso,

a pesquisadora cita algumas medidas simples de manejo sanitário que podem ser adotadas nos rebanhos equídeos

de qualquer propriedade rural no País: use agulhas e seringas descartáveis; utilize apenas esporas grossas ou rombas; higienize o equipamento de montaria.

De acordo com Márcia, é possível evitar a picada da mutuca – um inseto que também pode transmitir o vírus – se os equídeos da propriedade forem mantidos a uma distância mínima de 200 metros dos equídeos de outras fazendas. Normalmente, a mutuca não voa essa distância para picar outro animal. “Não adianta pôr a culpa na mutuca: ela é responsável por uma porcentagem de infecção muito menor que aquela provocada pela falta do manejo sanitário nas tropas”, afirma a pesquisadora.